

Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso

Mariana Diniz
Centro de Arqueologia
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Preâmbulo

Os estudos sobre o papel e o lugar das mulheres na Pré-História¹, como ramo da *gender archaeology*, constituem, na essência, um fenómeno da pós-modernidade² e pretendem, ao re-escrever a história a partir de outro ângulo, ou mais especificamente de outro género, incluir novas alíneas na agenda, construir outros passados e dar voz a grupos, ou sub-grupos, não contemplados no discurso historiográfico oficial.

A arqueologia do género emerge, portanto, como uma fórmula de denuncia do androcentrismo e dos “gender bias” que dominam a escrita sobre o Passado, proclama a necessidade de criar outros textos à luz de novos paradigmas, e procura identificar, e ultrapassar, os recorrentes preconceitos que organizam a produção do saber, no Ocidente contemporâneo.

As imaculadas bandeiras da neutralidade e da objectividade científica, símbolos modernos de um território que se pretendia independente de questões de nação, raça, classe, credo, ou sexo, foram contaminadas pelas manchas negras da pós-modernidade, e o Conhecimento é hoje entendido, por muitos, como um produto que reflecte o contexto da sua produção, e portanto política, social e economicamente comprometido.

Nesta linha de pensamento, assume-se que os discursos produzidos acerca do Passado reflectem perspectivas analíticas próprias de um grupo específico que tende, em múltiplas circunstâncias, a confundir o seu olhar com o real e a sua narrativa com a verdade.

Por isso, admite a arqueologia do género que a quase invisibilidade das mulheres, sujeito menor numa Pré-História escrita por homens, possui causas historiográficas e não históricas. A ausência do género feminino nos cenários da acção deve-se, sobretudo, ao

¹ Ao longo deste texto utiliza-se o termo Pré-História enquanto conceito genérico reconhecendo-se que sob esta designação estão retra(c)tadas realidades muito diferenciadas do ponto de vista biológico, cronológico e cultural. A Pré-História integra muitas histórias e o papel das mulheres não foi, seguramente, o mesmo ao longo deste vasto intervalo de tempo. No entanto, pretende-se com esta abordagem levantar um conjunto de questões genéricas que poderão depois ser aplicadas a diferentes *case-studies* que possuam fronteiras crono-culturais detalhadas.

² Os estudos sobre mulheres têm no mundo ocidental uma história mais longa que remonta às décadas de 60/70 do século XX, aos movimentos de libertação das mulheres e à luta pela igualdade de direitos, no entanto no discurso arqueológico este é um fenómeno que só adquire efectiva expressão a partir dos anos 90.

género dos encenadores da peça, seres masculinos que pensaram, à sua imagem, uma (pré)história masculina.

Mas no mundo contemporâneo, algumas mulheres, incontornáveis protagonistas do Presente, reclamam outro Passado, ou mais exactamente outros papéis no Passado, diferentes daqueles que os homens lhes atribuíram.

Da mesma forma que, em meados do século XIX, a conjuntura intelectual europeia permitia/exigia a abertura de um novo campo do saber, o da Pré-História do Homem cuja trajectória, independente de condicionalismos divinos e do tempo curto da cronologia bíblica, devia ser traçada a partir de testemunhos directos que exigiam novas metodologias de recuperação e interpretação, nos finais do século XX, tornou-se necessário escrever uma outra Pré-História para essas outras personagens, do género feminino, que progressivamente emergem no tecido social do Ocidente.

Entre as múltiplas vozes consagradas na pós-modernidade, (h)ouve-se a das mulheres que, empenhadas na construção de um outro Presente, procuram, construindo novos inquéritos, os dados necessários para a construção de outros Passados.

Os criadores da história: questões de autoria

Os discursos sobre a Pré-História têm sido, desde a fundação desta disciplina, em meados do século XIX, e como acontece em outras áreas do conhecimento desenvolvidas no mundo ocidental, produzidos, discutidos, aceites e recusados por homens.

A ciência pré-histórica é efectivamente masculina, branca e ocidental como aliás têm sido, ao longo dos tempos, os seus autores.

Uma listagem breve dos nomes grandes da disciplina não permite, a esse respeito, qualquer dúvida. Na consulta de um qualquer manual que aborde a história da Pré-História desfilam faces, e fatos, de homens. O vestuário das personagens transforma-se, a casaca substitui-se por um fato, e o fato pela camisa aberta, mas o interior permanece inalterado.

Dos heróis fundadores, como Jacques Boucher de Perthes ou John Lubbock, aos construtores das grandes sínteses como Vere Gordon Childe ou Pedro Bosch-Gimpera, aos criadores da Nova Arqueologia como David Clarke, Lewis Binford ou Colin Renfrew, ou aos mais recentes cultores da pós-modernidade como Michael Shanks, Christopher Tilley ou Julian Thomas, todos pertencem a um género único.

Independentemente da concepção evolucionista, histórico-cultural, processual ou pós-moderna que molda os textos que produziram, ou produzem, o ângulo de focagem é sempre o mesmo, masculino, branco, ocidental... (Fig. 1).

Neste mundo de homens, muito poucas foram as mulheres que atingiram a fama e que integram o imaginário da disciplina.

Kathleen Kenyon, a arqueóloga de Jericó, discípula célebre de Sir Mortimer Wheeler, Vera Leisner, investigadora decisiva para os estudos de megalitismo ibérico, e mulher de Georg Leisner, Annette Laming-Emperaire, cujas leituras estruturalistas da arte rupestre do Paleolítico Superior foram sempre menos célebres que as de André Leroi-Gourhan, serão dos raros nomes femininos que imediatamente podem ocorrer a qualquer pré-historiador.

A partir dos anos 60/70 do passado século, o crescente número de mulheres que ingressa no mundo da ciência não produz alterações perceptíveis ao discurso dominante sobre o Passado. Estas mulheres, ensinadas por homens, tenderão a questionar, pensar e escrever a Pré-História de acordo com os moldes definidos nos inquéritos dominantes, que pretendendo-se *científicos* não possuem nação, cor, género ou credo.

Os discursos sobre a Pré-História que as mulheres produziram, nas décadas de 70/80 do século XX, procuram, segundo os pressupostos que norteavam a arqueologia processual, a neutralidade da ciência e não se distinguem dos trabalhos assinados por homens.

Ainda que exista uma, inconsciente e não procurada, mas imediatamente reconhecível, divisão por género das temáticas de estudo, com existência de campos, ainda hoje, preferencialmente masculinos (tecnologias e tipologias líticas), e femininos (cerâmicas manuais)³, não é perceptível a partir da leitura de obras produzidas nos anos 70/80, o género do sujeito que as construiu.

No campo da autoria, a presença física de mulheres não foi suficiente para criar, de imediato, outras Pré-Histórias distintas da concebida por homens. Foi também aqui necessário, como aconteceu com outros grupos minoritários e oprimidos, gerar uma consciência de *classe* e construir, *ab ovo*, um novo campo de estudos.

Na história, ainda recente, da “gender archaeology”, o texto “Archaeology and the Study of Gender”, publicado, em 1984, por Margaret Conkey e Janet Spector na série *Advances in Archaeological Method and Theory*, constitui um marco inaugural, mas só na década de 90 se assiste a uma efectiva afirmação destas linhas de análise, divulgadas por uma intensa actividade editorial.

E ao contrário do discurso tradicionalmente produzido sobre a Pré-História, dominado por homens, este novo ramo da disciplina, dedicados ao género, é dominado por mulheres.

Os estudos realizados no âmbito da *gender archaeology* debruçam-se quase exclusivamente sobre a história, ou Pré-História, das mulheres, e são na esmagadora maioria dos casos assinados por autoras. Uma análise rápida da bibliografia disponível sobre o tema demonstra que as questões do género são quase sempre tratadas no feminino.

³ Esta divisão temática que tende a diluir-se no presente, e que corresponde mais a uma intuição que uma quantificação dos dados, pode no entanto ampliar-se a outras temáticas e períodos. O megalitismo e os povoados fortificados da Idade do Cobre são, por regra, questões abordadas por investigadores, as cerâmicas finas do mundo clássico um tema trabalhado por investigadoras. Note-se, no entanto que alguns recipientes cerâmicos que não estão conectados com a preparação ou consumo de refeições, como é o caso das ânforas são, por regra, um campo de investigação masculina.

No manual *Contemporary Archaeology in Theory – a Reader*, organizado, em 1996, por Robert Preucel e Ian Hodder, todos os quatro textos integrados na secção dedicada às “Feminist and Gender Archaeologies” são assinados por mulheres⁴.

A listagem de autores/as incluídas na antologia *Arqueologia y Teoria Feminista*, publicada pela Icaria, em 1999, é também ilustrativa. Integram esta colectânea trabalhos de Alison Wylie, Erika Engelstad, Ruth Tringham, Linda Manzanilla, Rita P. Wright, Prudence Rice, Janet D. Spector, Marcie-Anne Dobres, Margaret W. Conkey, Sian Jones, Sharon Pay, Joan Gero, Elisabeth Arwill-Nordbladh.

Em Washington, aquando da realização, em 2003, do 5th World Archaeological Congress, *forum* particularmente atento aos discursos alternativos, às *further voices*, na secção *Gendered Perspectives* foram apresentadas 7 comunicações, 6 das quais assinadas por mulheres.

Não restam dúvidas quanto ao género que lidera este movimento, e se no campo da autoria o território intelectual parece monopolizado por investigadoras, o público alvo parece também pertencer ao género feminino.

As mulheres são as construtoras, e com toda a probabilidade, as maiores consumidoras dos estudos de género.

Como outras tendências da pós-modernidade, os estudos sobre mulheres na Pré-História tendem a criar um *ghetto* em seu redor, e dar origem a círculos quase fechados em que mulheres escrevem, sobre mulheres, para outras mulheres.

A expansão para além deste núcleo é ainda subtil, e as leituras da arqueologia do género não fazem ainda parte integrante das narrativas oficiais da arqueologia dita “científica”.

Se ao nível das obras que tratam teoria é já prática corrente a integração de uma secção dedicada às vozes da *gender archaeology*, os manuais sobre Pré-História não incluem ainda no discurso oficial da disciplina as leituras produzidas no âmbito dos estudos do género.

Na escrita contemporânea da (pré)história coexistem, a este nível, duas abordagens que, como duas rectas paralelas, não se cruzam. Materializada a primeira numa fórmula, ainda dominante, de construir a Pré-História através de linhas duras de investigação, organizada segundo os moldes das ciências exactas e da natureza, e na qual o género do autor não é questão de relevo na recuperação do Passado, e uma outra mais recente, claramente minoritária onde se inscrevem aqueles ou, mais frequentemente, aquelas que procuram os géneros do Passado.

Em Portugal, as abordagens propostas pela *gender archaeology* não constituem ainda campos específicos de análise, e o tópico mulheres na Pré-História não tem exis-

⁴ Ao contrário, as secções de “Political Economy” e “Social and Cultural Evolution” são integralmente constituídas por textos assinados por autores...

tência quer ao nível da bibliografia produzida, quer ao nível dos projectos de investigação em curso, quer ao nível dos programas do ensino superior de arqueologia pré-histórica⁵.

Decorridos quase 10 anos sobre o texto de Vítor e Susana Oliveira Jorge “Women in Portuguese Archaeology” (Jorge e Jorge, 1996), não existem sinais de outras vozes na construção do conhecimento e os *gender studies* não integram ainda as práticas da comunidade arqueológica nacional.

O lugar das personagens

Se podemos considerar que, enquanto linhas de pesquisa explicitamente definidas, os estudos sobre a Pré-História do género constituem um ramo recente da investigação arqueológica, a atribuição de diferentes papéis e lugares a homens e mulheres do Passado, portanto a criação de (pré)histórias com género, tem sido uma constante desde os alvos da disciplina.

E o género da principal personagem da (Pré)História foi sempre e ainda é, predominantemente, masculino, quer se discutam as vias e os protagonistas da evolução biológica quer se analisem os agentes da evolução cultural.

Na bibliografia, especializada ou de divulgação, que aborda as Origens do Homem, ou numa terminologia mais abrangente, da Humanidade, as múltiplas representações de árvores filogenéticas, onde se traça o percurso evolutivo da espécie *Homo* e dos seus principais antepassados, apresentam sempre um ser do sexo masculino para ilustrar essa evolução.

A longa aventura da espécie centra-se em torno dessa figura, o homem, branco⁶, um outro Adão, criado já não por Deus, mas por outros homens, que surge assim como o sujeito e o agente da grande marcha evolutiva que conduz ao Presente (Fig. 2).

A mulher é na Ciência ocidental, como no relato bíblico, um sub-produto do homem, e nem a celebridade de Lucy⁷ ou o, mais recente, debate em torno da Eva mitocondrial⁸ foram argumentos suficientes para garantir um lugar de destaque para as descendentes destas personagens.

Mas se a história atribui ao macho, e depois ao homem, o papel principal, as actri-

⁵ A consulta de programas das cadeiras relacionadas com a Pré-História ministradas nas universidades portuguesas, disponíveis *on-line* e muitas vezes assinados por mulheres (entre as quais me incluo), não integram qualquer tópico acerca de estudos sobre mulheres.

⁶ Na observação de árvores filogenéticas representadas em diferentes obras pode de facto constatar-se que o homem que emerge por debaixo das extensas pilosidades, perdidas durante o longo processo de hominização, é branco...

⁷ Lucy – exemplar de *Australopithecus afarensis* recolhido em Hadar, Etiópia, datado de 3.2 milhões de anos.

⁸ Debate aberto a partir de estudos de genética humana que colocam a possibilidade de todos os homens e mulheres vivos descenderem de uma mesma mulher que teria vivido há cerca de 200.000 anos no continente africano.

zes secundárias não foram esquecidas e também para elas foi pensado um lugar no enredo, exemplarmente registado na reconstituição gráfica de Lucy, apresentada na obra *Berceaux de l'Humanité*, publicada em 2003 pela Larousse.

A partir dos restos ósseos desta *Australopithecus afarensis* desenhou-se a imagem de uma fêmea que transporta uma cria e pequenos ramos repletos de bagas, numa atitude lânguida de quem trás as flores para a mesa do jantar... Percebe-se assim que, desde as mais remotas origens e com muito pequenas alterações nos próximos milhões de anos, a função das fêmeas, e depois das mulheres, está já definida pelos cientistas, progenitoras e recolectoras.

E nem o facto de hoje existir uma "(...) general acceptance of the fact that women produce more than man in so-called 'hunting societies' (...)" (Barnard, 2004, p. 6), impede alguns autores de considerar que "Although plant foods may always have constituted the greater part of the diet (...) meat may well have been considered more important, either as food or as a reflection of the prowess of the hunter or the status of the herder." (Renfrew e Bahn, 1992, p. 245)... (Fig. 3).

Mas no tempo longo da Pré-História, a evolução biológica não constitui o campo único da mudança, e a evolução cultural possui também os seus próprios protagonistas.

Se o homem é, sempre, a figura escolhida para ilustrar a marcha da evolução – observem-se obras especializadas ou trabalhos destinados ao "grande público" – as questões do género no campo da evolução cultural recebem nestes *forae* diferentes tratamentos.

Os textos de divulgação, marcantes na construção de imaginários colectivos, sobretudo aqueles destinados a um público infanto-juvenil, portanto consumidos no momento de formação da consciência social do indivíduo e na fase de interiorização dos padrões da sua cultura, são por regra, ao contrário dos textos científicos, amplamente ilustrados com reconstituições de cenas da vida quotidiana na Pré-História.

Nestes documentos, que assumem um valor quase fotográfico e que funcionam com janelas abertas sobre o Passado, o lugar dos géneros encontra-se muito bem definido (Querol, 2004).

E ainda que no corpo do texto se não façam expressas alusões ao sexo das personagens, as imagens são suficientemente esclarecedoras acerca dos diferentes papéis e lugares que cada género ocupa na História.

As cenas em que se encontram representações de mulheres, muito mais raras que as de homens, apresentam-nas, por regra, sentadas, muitas vezes sobre os joelhos.

O cenário da (in)acção não apresenta grandes variações, as mulheres são colocadas junto à entrada da gruta, ou no seu interior, dentro do povoado ou à porta da cabana, quase sempre junto ao lume, preparando alimentos ou raspando peles, velando pelas crianças de tenra idade e pelos mais velhos.

Observando algumas destas imagens, o leitor da obra não deixará de, enternecido, ou entristecido, constatar que a vida na distante Pré-História era afinal idêntica à da burguesia ocidental e urbana de quase todo o século XX... (Fig. 4).

O lugar do género masculino, objecto privilegiado destas “reconstituições”, está também registado nas imagens.

Os homens produzem cultura, inventam novos artefactos, correm perigos caçando animais selvagens, são artistas que pintam interiores de grutas, abrem campos agrícolas, levam os animais ao campo, inventam a guerra, a metalurgia, constroem casas para vivos e templos para mortos, assumem o poder religioso, político, económico, social, em suma... conduzem a História (Fig. 5).

Ao sexo e, nestas leituras de forma imediata, ao género feminino compete preparar os alimentos, a roupa e o leito a estes heróis anónimos, que libertos desta classe de afazeres podem, entre pares, criar o Progresso.

Nos textos científicos produzidos ao longo dos últimos 35 anos, sob o signo de uma Nova Arqueologia, a questão dos géneros na Pré-História, ultrapassada já uma etapa de impudente androcentrismo, é mais evasiva e subtil, e o indivíduo submerso na unidade preferencial de análise – o grupo – não é especificamente referido.

O discurso alude a um colectivo neutro e as problemáticas do género, como outras de ordem eminentemente social ou cultural, não fazem parte da agenda oficial da disciplina, que rejeita áreas de análise ou de debate que não possam ser cientificamente demonstradas.

No entanto, o silêncio em torno do tema, esta imparcialidade não discutida e a criação deste passado oficialmente *de-gendered*, contribuem para perpetuar, no essencial, os estereótipos preconcebidos no que toca ao papel dos géneros.

Ainda que não explicitamente mencionados nos textos da arqueologia processual, os géneros estiveram, no entanto sempre presentes na mente quer de autores(as), quer de leitores(as), e os papéis e os lugares das personagens do Passado porque não foram sujeitos a uma revisão crítica, realizada de acordo com as novas orientações teórico-metodológicas, permaneceram inalterados.

Tratamento particular merecem, no que diz respeito ao lugar das personagens, as representações simbólicas como as figurações de divindades ou de agentes do sagrado.

Neste campo, o protagonismo do género, ou mais exactamente, de princípios femininos constituíram desde sempre uma realidade incontornável. Das célebres “Vénus” paleolíticas às menos conhecidas, mas igualmente possantes, “Deusas-mãe” do Neolítico, a figuração de mulheres, que não aparentavam possuir companheiros de panteão, foi, em diferentes etapas da Pré-História, uma constante.

No discurso dominante, a decodificação destas imagens foi quase sempre, e apesar da polissemia dos signos, unívoca. Estas mulheres, muitas vezes obesas, e apesar de

raramente grávidas ou acompanhadas por crianças, representariam símbolos de fecundidade e fertilidade, e demonstravam a, compreensível, preocupação do homem com a reprodução do grupo, dos animais e das plantas.

Nestas figuras deificava-se portanto, e exclusivamente, um atributo que a Natureza oferecera às mulheres, a geração de vida, mas a existência destas “deusas”, criadas em reconhecimento de imperativos biológicos, nunca atribuiu qualquer estatuto social/económico/político ou religioso, às mulheres no “mundo real”, perpetuamente desconectadas, na historiografia oficial, de qualquer forma de poder.

No entanto, quando surgem na (Pré)História, representadas imagens de homens estas foram interpretadas, por arqueólogos e pré-historiadores, como inequívocos sinais do protagonismo social destas personagens...

Álibis quase perfeitos

Se o género dos principais construtores de Pré-Histórias e se os quadros sociais em que estes se integravam terão influenciado de forma marcante o discurso que produziram, outros argumentos, provenientes de outros campos do saber, foram invocados para definitivamente confirmar a veracidade intrínseca dos cenários propostos.

Em primeiro lugar, e ainda antes de qualquer diferenciação de género culturalmente estabelecida, a própria biologia distinguia dois sexos. Homens e mulheres, possuindo anatomias, fisiologias e composições químicas próprias, estariam destinados, pela própria natureza, a desempenhar diferentes papéis.

Mais altos, mais fortes, mais agressivos, os homens estavam desenhados para tarefas de risco, de acção, de domínio. Ao contrário, a maternidade e o aleitamento, pelouros exclusivamente femininos, orientavam as mulheres para a vida familiar e para os cuidados da prole.

Os paralelos com o *maravilhoso mundo da natureza* não podiam ser mais claros. A figura do leão – rei da selva – tão cara ao imaginário ocidental – constituía um fiel reflexo do Homem – rei da criação. E a reconhecida tenacidade de algumas fêmeas que, com o risco da sua vida, protegem a prole ilustrava como um paradigma social a missão das “boas mães”, incansáveis zeladoras da sua descendência.

A existência não só de sexos, mas também de géneros, era portanto *natural*, e entre as espécies animais, machos e fêmeas possuem também diferentes papéis e ocupam diferentes lugares na hierarquia social.

A diferenciação de géneros, como estavam consagrados na racionalidade Ocidental, reproduzia, por isso, as imutáveis *leis da natureza*, às quais homens e mulheres, no Presente e no Passado, deviam obedecer.

No mundo dos homens, a etnografia encontrava, no plano da Cultura, os dados que confirmavam os da Natureza. Em diferentes lugares da Terra e com diferentes aparatos tecnológicos, os grupos humanos reconheciam a existência de géneros, e atribuíam a homens e mulheres destinos diversos.

O contacto com o Outro, que reproduzia, aos olhos do Ocidente contemporâneo, formas arcaicas de organização social, demonstrava a existência de homens-caçadores, homens-talhadores, homens-feiticeiros, homens-chefes, enfim de Grandes Homens, incontestáveis protagonistas da acção, no Presente e no Passado.

O matriarcado, ou a suposta existência de mundos alternativos, pacíficos e igualitários dominados por mulheres, como o proposto por Marija Gimbutas⁹ (Trubshaw, 1997), parecia assim um equívoco, uma proposta resultante de um mero exercício intelectual que não encontrava sustentáculo na História, na Etnografia, ou na observação do Reino Animal.

A partir dos dados etnográficos, as mulheres, cuja esfera de acção se parecia restringir aos limites do povoado ou às suas imediações, recolhiam vegetais ou pequenos animais, tratavam dos acampamentos, cuidavam das crianças, produziam cerâmicas, cultivavam jardins, possuíam alguns animais domésticos.

Algumas destas actividades passariam, no entanto, quando, no curso da História, adquirem efectivo peso económico a ser controladas por homens. A agricultura de arado, ao contrário da agricultura de enxada é pensada e representada como uma actividade masculina, bem como o controle de grandes rebanhos ou a produção cerâmica nos célebres *ateliers* da Antiguidade Clássica.

Natureza e Cultura, Presente e Passado, todos os elementos pareciam conjugados, ou conjurados, para construir, validar e perpetuar uma visão da história dos homens, e o lugar que se atribuía aos géneros na Pré-História reproduzia, portanto, *a ordem natural das coisas...*

Por isso, a recriação de ambientes passados onde figurem grandes sacerdotisas, mulheres guerreiras, rainhas poderosas está mais associada ao universo da banda desenhada, quase sempre de contornos eróticos e fraca qualidade, que ao mundo, eminentemente conservador e puritano, do discurso científico.

Algumas falhas no enredo

Mas, como acontece em todas as tramas demasiado perfeitas também esta possui pontos de fraqueza que devem ser denunciados, se não por Hercule Poirot, seguramente

⁹ Se as propostas de Marija Gimbutas não conheceram grande sucesso entre os pré-historiadores, outros públicos receberam-nas com entusiasmo e hoje Çatal Hüyük é lugar de peregrinação das feministas New Age que veneram a Deusa-mãe...

por Miss Marple... capaz de perceber que o discurso produzido acerca da Pré-História não traduzia a ordem natural das coisas, mas apenas *uma* ordenação, possível entre outras.

E que estas Pré-Histórias dos géneros ou que, mais exactamente, o lugar dos géneros nestas Pré-Histórias, produzidas e reproduzidas nos últimos 150 anos, reflectem, com a perfeição de um espelho límpido, o Presente dos seus construtores, perfeição conseguida muitas vezes com a ocultação de provas contraditórias, constitui primeiro argumento da acusação.

Ainda que os Sábios europeus do passado não possuíssem os vastos conhecimentos sobre comportamento animal que estão hoje ao alcance de qualquer espectador de televisão por cabo, não ignoravam estes certamente que a Natureza, por exemplo no que diz respeito à criação da descendência, encerra modelos muito distintos, e que em muitos casos o cuidado das crias é assegurado, de forma idêntica, por ambos os progenitores, ou que em algumas espécies as fêmeas assumem a liderança do grupo.

No entanto, estes, e outros, exemplos foram silenciados e nunca serviram de metáfora social para o Presente ou para o Passado.

Por outro lado, a Etnografia possuía um repertório vastíssimo de organizações e de soluções sociais que parecem não ter sido percebidas enquanto sinónimos de diversidade, e de outras possibilidades de conduta. Os agentes produtores do conhecimento, atentos às normas e regras do mundo Ocidental, ainda que inconscientemente, transportaram sempre, do presente etnográfico para o passado pré-histórico, códigos de acção que não desafiavam, por alternativas, a moral vigente.

Ainda que não exista uma etnoarqueologia que contemple especificamente as mulheres, os dados hoje existentes permitem abalar mitos duradoiros usados para recriar as mulheres na Pré-História.

A mulher, que se pensava confinada aos limites estreitos do povoado, ao calor da sua fogueira e à segurança da sua cabana, foi, no entanto, sempre vista por etnógrafos e viajantes, quase sempre em pequenos grupos, a muitos quilómetros do seu lar, procurando lenha, transportando água, dirigindo-se ao mercado...

A mulher, destinada pela natureza a gerar e dar à luz, devia funcionar, no Presente e nesse Passado distante, como mulher-mãe, principal zeladora da infância, essa invenção contemporânea de algumas sociedades abastadas, e etapa da vida que nem sempre existe no registo etnográfico, como denunciam todas as organizações que lutam contra o trabalho infantil...

A Etnografia tem demonstrado, sobretudo nestas últimas décadas em que a presença no terreno de mulheres-etnógrafas permitiu o acesso a universos femininos tradicionalmente vedados a homens-etnógrafos (Trubshaw, 1997), que não existe, imutável no Tempo e no Espaço, um papel e um lugar para as mulheres nas sociedades "tradicionais".

Um final alternativo?

Se é indiscutível o importante papel que as arqueologias do gênero têm desempenhados nestes últimos anos, identificando os desvios androcêntricos nos discursos produzidos sobre a Pré-História, abrindo fendas e desconstruindo um edifício que parecia sólido, importa, no entanto questionar as arquiteturas da (re)construção, e as efectivas potencialidades e limites destas linhas de investigação.

É possível construir, a partir de metodologias arqueológicas, conhecimento sobre a Pré-História das mulheres ou todas estas narrativas pertencem fatalmente à grande “Escola do Ressentimento”, definida por Harold Bloom (2002, p. 19)?

Corre-se o risco de se eternamente contrapor a um discurso tendencioso (androcêntrico), outro igualmente preconceituoso (ginocêntrico), em que apenas se altera a perspectiva do defeito, ou o defeito da perspectiva, atribuindo agora às mulheres um protagonismo que antes pertencia aos homens, fazendo, mais uma vez do Passado, um reflexo e/ou uma idealização do Presente?

Os estudos sobre mulheres na Pré-História serão sempre e só uma voz que, na oposição ou no controle da situação, constrói passados alternativos que condenam alguns presentes e legitimam outros, numa fiel reprodução dos mecanismos de construção e aceitação das Pré-Histórias que os homens conceberam?

A arqueologia do gênero será no futuro um parente pouco afortunado da literatura de ficção e de algumas meta-narrativas apreciadas pela pós-modernidade ou, ao contrário, tenderá a reunir um corpo crítico de documentação empírica que o futuro da disciplina, inclusivamente nas mais conservadoras linhas de análise processual, não poderá ignorar?

A construção de uma Pré-História das mulheres exige a elaboração de inquéritos específicos, depende da realização de novas análises sobre dados antigos, e de uma re-orientação da pesquisa em torno de novas problemáticas que serão, agora que está aberto o caminho, e definidos alguns dos atributos do discurso, tratados num próximo texto.

Bibliografia

- BARNARD, A. (Ed.) (2004) – *Hunter-Gatherers in History, Archaeology and Anthropology*. Oxford: Berg.
- BEAUMONT, E. (2000) – *Dicionário por Imagens dos Dinossauros e da Pré-História*. Lisboa: Fleurus.
- BLOOM, H. (2002) – *O Cânone Ocidental*. Lisboa: Temas e Debates.
- CLAASSEN, C. (1992) – “Gender in Archaeology”. In *Exploring Gender Through Archaeology*. World Archaeology, 11, pp. 1-10.
- CONKEY, M. & SPECTOR, J. (1984) – “Archaeology and the Study of Gender”. In *Advances in Archaeological Method and Theory*. New York: Academic Press, 7, pp. 1-38.
- COPPENS, Y. (Ed.) (2003) – *Le Berceau de l'Humanité. Des origines à l'âge de bronze*. Paris: Larousse.
- JORGE, V. O. & JORGE, S. O. (1996) – “Women in Portuguese Archaeology”. In *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 36, pp. 143-167.
- QUEROL, M. A. & TRIVIÑO, C. (2004) – *La mujer en “el origen del hombre”*. Barcelona: Bellaterra-Arqueología.
- RENFREW, C. & BAHN, P. (1992) – *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. Londres: Thame and Hudson.
- TRUBSHAW (1997, 2001) – “Beyond Indiana Jones versus the Mother Goddess”. In *At the Edge*. www.indigo group.co.uk/edge (consulta em 10.12.2004)

Origem das imagens

FIGURA 1:

J. Boucher de Perthes – <http://www.archeodrome-bourgogne.com/images/archeolog/boucher.jpg> (consulta 08/03/2006)

V. Gordon Childe – <http://www.aaanet.org/gad/history/html/childe.htm> (consulta 08/03/2006)

Mortimer Wheeler – http://www.student.brad.ac.uk/pimaclea/web_html/wheeler.html (consulta 08/03/2006)

Lewis Binford – <http://codesign.scu.edu/anthroweb2/026/AFRICA/PEOPLE.htm> (consulta 08/03/2006)

Julian Thomas – <http://www.soton.ac.uk/~newrep/vol17/17-5/story6.htm> (consulta 08/03/2006)

FIGURA 2:

A marcha da evolução (<http://www.bible.ca/tracks/ape-man-line-up.jpg>) (consulta 08/03/2006)

FIGURA 5:

O lugar dos homens (<http://www.astrochem.org/bywb.htm>) (consulta 08/03/2006)



FIGURA 1. Faces, fatos e factos... Boucher de Perthes, Gordon Childe, Mortimer Wheeler, Lewis Binford, Julian Thomas.

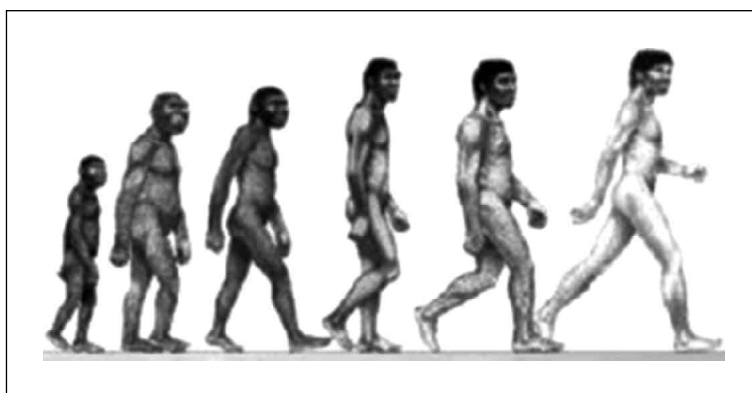


FIGURA 2. A marcha da evolução (<http://www.bible.ca/tracks/ape-man-line-up.jpg>).

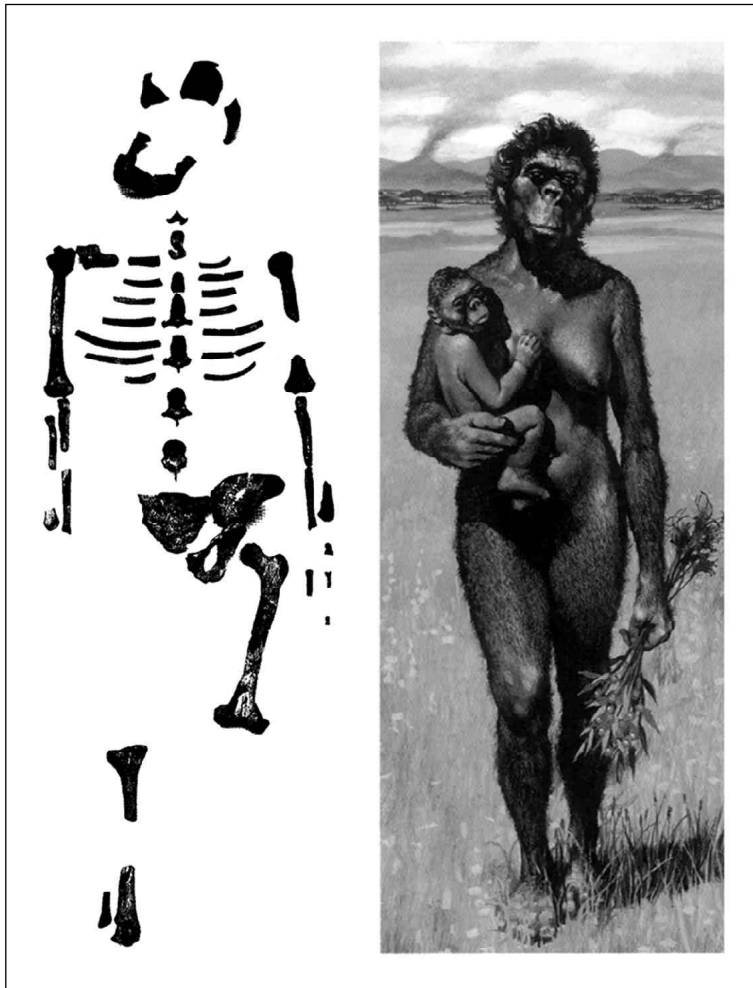


FIGURA 3. À esquerda: restos de *Australopithecus afarensis* do gênero feminino, Lucy; à direita: reconstituição gráfica de Lucy [Coppens (Ed.), 2003, p. 39].



FIGURA 4. Cenas da vida doméstica... (Beaumont, 2000, p. 64).



FIGURA 5. O lugar dos homens (<http://www.astrochem.org/bywb.htm>).

